Rio de Janeiro, Setembro de 1958 — ANO 13 — N.º 129

AÇÃO DIRETA

> A organização capitalista, cheia de paradoxos, tem mais este: mais abundantemente se nutre quem menos trabalha.
>
> JOSÉ OITICICA

Diretor: SÔNIA OITICICA — Diretor-Fundador: JOSÉ OITICICA — Administrador: IDEAL PERES

Redação:
Avenida 13 de Maio, 23 — 9.º andar — Sala 922
Caixa Postal, 1 — Agência da LAPA — RIO DE JANEIRO

MENSÁRIO ANARQUISTA
Registro SI/P — 214 de 8-3-1946

AVULSO: CR$ 2,00
Assinatura anual ..... Cr$ 50,00
Pacotes (12 exemplares) ..... Cr$ 20,00

Assistência como um direito e não pretexto para caridade humilhante

Já se disse que o Brasil é um imenso hospital. Autoriza essa afirmativa a situação de abandono em que se encontra a maioria dos brasileiros quanto à defesa de sua saúde. E é justamente a parte ativa da população — a que trabalha e produz — que sofre as conseqüências dêsse abandono criminoso.

As endemias tornaram-se coisa normal na vida brasileira. A malária e o amarelão reduzem a frangalhos a massa obreira do interior do país; e a tuberculose, num crescendo apavorante, ceifa as populações dos ranchos e das favelas, dos porões e dos cortiços.

Pudera! Com a vida que leva, oferece o trabalhador brasileiro campo fértil para a propagação de tôdas as moléstias: habitações sem higiene, alimentação escassa e imprópria, trabalho sem confôrto e atribulações sem conta.

O Brasil não é um imenso hospital, porque não dá abrigo aos seus doentes; poder-se-ia dizer que se assemelha mais a um imenso campo de concentração de subnutridos e malsãos, com os curandeiros fazendo as vêzes de médicos, pelos sertões afora, onde as esteiras substituem os leitos dos hospitais.

Carece, portanto, o povo trabalhador do Brasil de tôda sorte de assistência social. Falta-lhe amparo à infância, à mulher, na maternidade, aos enfermos, à velhice, aos inválidos. E isso tudo deve ser-lhe concedido como um direito adquirido pela sua vida de labutas e não como um favor ou como caridade humilhante, servindo de objeto de propaganda e de exploração para organizações religiosas ou de pretextos para custosas festanças às damas da burguesia, que delas se servem para justificar a sua vadiagem e para ostentação de suas toiletes luxuosas.

Aos ganhos dos trabalhadores são arrancadas fortunas vultosas para os institutos de pensões e aposentadorias, que, ao mesmo tempo que canalizam verbas enormes para a construção de edifícios suntuosos e para fins políticos, destinam apenas migalhas de seus fundos para as pensões, que constituem uma afronta, e para precários ambulatórios.

Pois que se movimentem êsses institutos com nova orientação, fundindo-os num só e estendendo a todos os trabalhadores, inclusive os do campo, arrecadando os recursos dêles retirados para fins estranhos às suas finalidades, entrando o govêrno com a grande fortuna que lhe deve, acabando-se, ainda, com o burocratismo que dificulta seus serviços e simplicando-se a sua dispendiosa administração.

A essas medidas saneadoras juntem-se as remodeladoras. Complete-se seu serviço de assistência, incluindo nos ambulatórios os serviços médico, farmacêutico, dentário e hospitalar, estabelecendo-se o auxílio-doença e as pensões na base dos salários.

Ao lado da assistência de obrigação dos institutos de aposentadorias e pensões, é necessária também a contribuição do patronato industrial, comercial e agrícola, para que se instalem ambulatórios de emergência nas fábricas, nos grandes estabelecimentos comerciais e emprêsas, bem como nas propriedades agrícolas.

Nessa obra de salvação da saúde do povo brasileiro poder-se-ão interessar igualmente as entidades particulares, como sociedades beneficentes, depratamentos de assistência de [illegible] nicos, hospitais, maternidades e sanatórios, articulando-os em grandes cooperativas com desdobramentos distritais, que poderiam ser organizadas, contando, ainda, com a cooperação dos médicos e enfermeiros, farmacêuticos, dentistas e parteiras.

Entretanto, essa obra, por certo, de grandes proporções, mas indispensável e urgente, não se levará a cabo sem que o povo, que é o maior interessado, faça ouvir a sua voz, movimentando-se ativamente por meio das suas organizações.

São assim os tiranos e exploradores do povo: apavoram-se com o aparecimento de suas vítimas.

CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO NA BULGÁRIA

Novas medidas drásticas vêm de ser tomadas pelas autoridades búlgaras. Uma lei foi votada contra a "houliganchtina", a infância delinqüente. Consiste na criação de campos de concentração para crianças de 7 a 18 anos (a que, cìnicamente, chamam "escolas de reeducação pelo trabalho").

O pretexto para adoção desta lei foi o assassinato obscuro e talvez premeditado de um secretário do Partido: Haralampi Zdravkov por dois jovens: Dimo Tzvetkov de 18 anos, e Assen Mitrev, praticado no dia 21 de Dezembro de 1957 no trem n.º 2, para Sofia. Em 5 de Fevereiro de 1958 os assassinos foram condenados à pena capital por fusilamento, sem o direito de defender sua causa ou apelar. Segundo a imprensa oficial comunista, eis as causas que dão origem a crimes dêsse gênero: "O aparecimento entre nós da "houliganchtina" é essencialmente devida à preguiça em certos meios, e uma educação comunista insuficiente, à herança capitalista que ainda pesa no presente e, enfim, à influência da "cultura" dita ocidental com todos seus aspectos decadentes...

A "houliganchtina" é a retaguarda da burguesia "rôta". São sementes daninhas vindas de outros países e de outras regiões e, antes de tudo, da "democracia" ocidental degenerada, onde a "houliganchtina", o gangsterismo e a infância delinqüente se manifestam com demasiada freqüência.

"...Há igualmnete causas que nos são específicas: a falta de medidas enérgicas da parte de nossa sociedade, de nossas organizações sociais, de nossa milícia e, sobretudo, a falta de instituições para lutar de maneira enérgica, racional, sistemática e durante longo tempo contra as atividades dos jovens que se desviaram do bom caminho..."

Após a explicação dêstes fatos, inevitàvelmente surge a pergunta: Como puderam penetrar os bacilos da cultura ocidental "decadente" e "degenerada" quando tôda gente sabe que há 14 anos a Bulgária está hermèticamente fechada a tôda influência estrangeira, salvo a da União Soviética e das "democracias populares"?

A "houliganchtina" e a infância delinqüente são os resultados da realidade comunista, de seus métodos policiais de ensino e educação. Serve-nos de prova o fato de não ter o assassino Dima senão 4 anos de idade quando os bolchevistas tomaram o poder. Os comunistas provam assim mais uma vez que o seu sistema é fundado exclusivamente no mêdo, na miséria, na obrigação e no terror.

Amedrontados por êsse novo ato de barbarismo, cujas vítimas são hoje as crianças búlgaras, protestamos com tôdas as nossas fôrças e pedimos aos homens de livre consciência do mundo inteiro que venham em seu auxílio, estigmatizando os autores dêsse procedimento único na história.

GRUPO DE INTELECTUAIS E TRABALHADORES BÚLGAROS NO EXÍLIO.

Maçonaria e outras coisas...

Oferecem-se as colunas de "AÇÃO DIRETA" para um debate sôbre a Maçonaria, o que acho perfeita normal, pois o debate de idéias provoca sempre esclarecimentos e deixa resultados proveitáveis no terreno da propaganda; não quero portanto furtar-me a algumas considreações, embora me falhe a capacidade e os conhecimentos fundamentais e interiores do assunto.

[illegible] PEREIRA DA SILVA

Já em tempo, nestas mesmas colunas, houve debate sôbre o espiritismo, e mais de um companheiro se pronunciou em matéria que é mais de consciência do que de ação. Não entrei nêle, mas do fato me ficou uma impressão de inutilidade, de tempo perdido em divagações metafísicas. Espiritismo, religião ou o que fôr, bem pode ficar no íntimo de cada indivíduo sem interferir na ação social, coletiva, ou para ser mais claro, na vida material dos homens e da sociedade. Sabemos que tôda a corrente de misticismo tem influência nas condições morais e, conseqüentemente, no desenvolvimento social dos povos; mas pode ser tão perigoso propagar as crenças como opor-lhes resistência materialista. Prefiro deixar as crenças na intimidade dos sentimentos e orientar nosso esfôrço libertário no terreno prático e nas realizações objetivas.

Fala-se agora da Maçonaria. Sei que há companheiros anarquistas filiados a essa instituição universal. E mais de uma vez resisti ao aliciamento, sabendo que não faltaria quem nela se propusesse admitir-me. Conheço maçons em diversas classes sociais, nem todos de procedimento recomendável quanto aos preceitos que a Maçonaria manda seguir. Mas não é isso que interessa no caso. Pretendo apenas observar superficialmente dois aspectos da Maçonaria: a contradição social e a restrição à liberdade.

Não importa que a Maçonaria constitua uma ordem universal e nela se tenham encontrado, através da História, muitos revolucionários de tendências extremas; também é certo que abriga a reação e o conservantismo, até mesmo, como é notório, na pessoa de monarcas, chefes de Estado e figuras representativas do Capital, das castas militares e de tôdas as demais colunas mestras da Autoridade e do Poder. Se nela há o espírito de colaboração e ajuda mútua, coisas sem dúvida muito louváveis e merecedoras de simpatia, também o mesmo se verifica no Rotary Club Internacional, por exemplo, e mais recentemente no Lion's Club, criações modernas que erguem a bandeira de "bem servir" mas fecham suas portas à parcela mais considerável da humanidade que leva a vida a "servir"... Existe nessas instituições uma discriminação social, através da escolha de seus membros. São casas bonitas onde não entra quem quer.

Os rotarianos pretendem melhorar o mundo por meio de um internacionalismo que cada um dêles constantemente desmente. Chegam a preconizar a abolição das fronaeiras, no sentido de facilitar os negócios sem a barreira de aduanas... Mas os que o fazem são desde logo homens de negócios. Trata-se, quando muito, de uma espécie de internacionalismo capitalista.

Voltemos à Maçonaria. Talvez os rotarianos tenham dela copiado tudo, menos o ritual impregnado de misticismo. Os anarquistas não devem copiar uma coisa nem outra. E para não alongar êste artigo, resumirei meus reparos no seguinte: há contradição social nos maçons, quando são na vida comum colaboradores ou esteios da Autoridade, portanto contrários à Revolução Social; e há na Maçonaria flagrante restrição à liberdade do individoo, quando êste fica prêso a juramentos ou práticas absurdas pelo medievalismo que cultivam a portas feihadas.

O indivíduo que ama acima de tudo a liberdade não se escraviza a tais juramentos; e se o faz calculadamente para trai-los não dignifica a sua condição de indivíduo, aquela condição moral indispensável a todo o bom anarquista.

Além disso, o Anarquismo nada tem de sociedade secreta; a nossa propaganda, a nossa ação não se realizam a portas fechadas, mas na luz ampla dos debates, de peito descoberto na praça pública, de consciência franca entre os homens de tôdas as raças, de todos os ofícios e de todos os credos. Sem juramentos e sem mistérios. Sem penumbras e sem contradições.

SEMEANDO PENSAMENTOS

O gênero humano durará perenemente; a pátria tem de desaparecer. — DIDEROT.

* ◻ *

A lei se assemelha ao catavento de um velho campanário: move-se e varia conforme o vento. — TOLSTOI

Estudantes movimentam-se

Os estudantes do Distrito Federal deram, há dias, um exemplo cabal e significativo de um movimento de ação direta e dos resultados positivos dêsse método de ação e luta.

O cine Plaza resolveu aumentar o preço das entradas pela exibição de uma película francêsa, alegando o alto preço da produção. Mais precisamente, a gerência da casa de espetáculos dobrou o preço do ingresso comum, e com isto não concordaram os estudantes, que passaram a interromper as exibições, com discursos e protestos que de nada valeram ante a argumentação da Polícia Especial, tôda ela baseada na "borracha" e fôrça bruta.

Decidiram então os estudantes formar duas extensíssimas filas nas bilheterias do cine, filas que se moviam lentamente e que nunca terminavam, procedendo êles da seguinte forma: apresentavam à bilheteira o preço comum de uma entrada; avisados de que o preço tinha sido aumentado, os estudantes, sorridentes, pediam desculpas, retiravam-se e iam postar-se no fim da fila e assim indefinidamente até o momento em que o cinema ficou inteiramente vazio ante o olhar apalermado da Polícia Especial e do gerente do cinema.

Conclusão: os preços voltaram ao normal e os estudantes, sem violências, usando apenas o cérebro, num movimento típico de ação direta, obtiveram o que muitos julgavam impossível.

Que não fiquem apenas nessa ação isolada, os estudantes cariocas. O aumento do preço dos transportes, já programado, assim como dos gêneros de primeira necessidade, devem também merecer a atenção das uniões estudantis, para movimentos de protestos em conjunto com o povo.

Que o exemplo frutifique.

Centro de Cultura Social de S. Paulo

Esta util agremiação, fundada ha anos, no tempo da gloriosa Federação Operária e que voltou à atividade após o interregno desastroso da ditadura, vem realizando suas proveitosas reuniões culturais todos os sábados, à noite, em sua sede social situada no bairro do Braz, à rua Rubino de Oliveira, 81, onde se expõem e debatem temas referentes aos problemas que possam interessar à cultura popular.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Ética humanitária e ética autoritária

Por ESTHER REDES

Excetuando a época da Renascença e o século XIX com a onda de pensamento liberal e progressista, a humanidade tem se orientado, através dos séculos, pela ética autoritária que, nos últimos tempos, tomou tal preponderância que levou os povos a regimes totalitários.

Com os conceitos errôneos de Darwin, que só viu na luta pela sobrevivência, a vitória do mais forte (não percebendo a maior importância do apoio mútuo, e, ultimamente, com o conceito dualista de Freud segundo o qual o instinto destrutivo no homem é tão premente quanto o instinto de conservação, criaram-se teorias perniciosíssimas a respeito do sêr humano, cujas conseqüências estamos presenciando hoje.

A idéia calvinista de que o homem é mau por natureza, nascendo já com o estigma do pecado original, e que sòmente uma ética autoritária (onde o dever e a humildade dão o tom) poderá salvá-lo, tem conduzido a humanidade à submissão e destruido no indivíduo todo o seu potencial artístico e produtivo. O resultado é o que estamos presenciando: uma humanidade automatizada, que vive movida por preceitos inconscientes, cuja vida não tem outra expressão a não ser matar o tempo que se torna uma carga insuportável.

A ética humanista, em contraposição, parte do princípio de que o homem não nasce bom nem mau. Ele traz em si o potencial para se tornar bondoso ou malvado. E podemos afirmar que o normal consiiste no indivíduo procurar a saúde mental que só a bondade poderá facultar-lhe. Sòmente uma educação na qual a liberdade foi suprimida, não permitindo ao homem desenvolver harmoniosamente tôdas as suas potencialidades, o conduz à maldade e à destruição. O problema me parece de suma importância, exigindo uma completa renovação dos métodos educativos. Enquanto os indivíduos continuarem crendo que o seu objetivo está fora dêles, no céu, no dever, no êxito, na opinião pública, no senso comum, não poderão encontrar o caminho da **humanização**. Enquanto a humanidade estiver dividida em dois grupos: os que acreditam que a Igreja e o Estado podem manter a ordem moral, e os que, não acreditando em Deus, creem que tudo está permitido e que o oportunismo é que regula a vida, a saúde mental dos indivíduos estará periclitando. Precisamos substituir a idéia errônea de que o bem e o mal são conceitos relativos a determinadas culturas, pela crença na verdade de que o homem só pode realizar-se plenamente num ambiente de respeito mútuo. Precisamos devolver ao homem a fé em si mesmo e na humanidade e fazê-lo compreender que a principal tarefa da vida consiste em dar nascimento às suas potencialidades, em realizar-se plenamente, integralmente e que nisto consiste a felicidade. E sòmente modificando os métodos educativos, dando às crianças plena liberdade para se tornarem elas próprias e orientando-as de modo a se centralizarem dentro e não fora delas, poderemos ter uma humanidade melhor e mais feliz.

"Na Inquisição de Salazar" apavora o seráfico ditador

Notícia o correspondente em Lisboa do jornal maçônico "O Malhete", de S. Paulo: "A P.I.D.E. ou Gestapo de Salazar, ao mesmo tempo que faz correr sangue nas ruas, reprimindo as manifestações populares contra o salazarismo, tem, nos útimos dias, efetuado assaltos noturnos às residências de numerosos antifascistas, à procura de um livro editado aí, no Brasil, e aqui introduzido clandestinamente, com o título "Na Inquisição do Salazar", de autoria de dois conhecidos militantes operários, Luiz Portela e Edgart Rodrigues, o primeiro dos quais [illegible] nas masmorras e campos-de-concentração de Salazar, ao fim dos quais foi restituido à liberdade para ir morrer em casa, vítima das torturas sofridas nas masmorras do Santo Ofício salazarento. Tal livro, um dos mais terríveis libelos contra o tenebroso regime inquisitorial que há 32 anos esfixia Portugal, é um repositório vivo e horripilante das incríveis barbaridades que diária e normalmente se praticam nas prisões do catolicíssimo Salazar contra indefesos presos políticos. Li-o, ou melhor ouvi-o com os cabelos em pé, numa das reuniões a porta fechada, que se celebram em vários pontos do país, para tomar conhecimento, através da literatura clandestina, dos acontecimentos que a Censura não permite divulgar.

A audição coletiva em que tomei parte realizou-se, por três noites consecutivas, em casa de amigo, e permitiu arrecadar, entre os presentes, a soma de três mil escudos (cêrca de dez mil cruzeiros), à razão de cincoenta escudos por cada ouvinte, soma que foi dsitribuída por várias famílias cujos chefes se encontram a ferros e deportados por não lerem pela Cartilha dos srs. Oliveira Salazar e Cardeal Cerejeira. Até agora, a Gestapo realizou buscas domiciliárias numerosas, em Lisboa, Porto e Coimbra, chegando, em alguns pontos, a levantar assoalhos, mas, felizmente, não logrou apanhar um único exemplar da obra herética".

— Têm razão os "salazarentos" que no Brasil nos asseveram que em Portugal ha liberdade. Sim, ha liberdade para pagar impostos, ir à missa e gritar, nas paradas da União Nacional, o partido único, e nas paradas dos fantoches da "Legião Portuguesa": "Viva **Salazaire**, um **home** grande demais pra um país tão **piqueno!** — no linguajar dos salazaristas.

A Liberdade

Por MARIA IEDA

O conceito de vida animal implica duração no tempo e mobilidade no espaço. E para que o animal cresça e para que o animal se mova, é imprescindível ter liberdade de proceder.

De fato, o animal vive à custa do meio em que se acha, dêle tira todos os elementos necessários à sua conservação e da espécie. Move-se em procura de alimento.

A liberdade, como se vê, é condição indispensável à àvida do animal.

Mas, que é liberdade? Qual é o conceito científico de liberdade?

O ser animal, na sua luta pela existência, toma a atitude precisa que se faz necessária contra o inimigo que deve enfrentar. De fato, é o animal que funciona, mas é o meio que dirige êsse funcionamento. E' um ensinamento da ciência.

E o homem é um animal, animal racional e social, como a baleia é um animal aquático e o pássaro um animal voador.

Daí ser o postulado metafísico do livre arbítrio um erro. A verdade científica é o determinismo. O homem, como todos os outros animais, é determinado. Quando êle supõe que está perseguindo um objetivo, a verdade é que está sendo impelido a persegui-lo. "Não há uma vontade humana, — ensina o sábio Pioger, — ha algumas vontades humanas, variáveis segundo a idade, o estado de saúde, as circunstâncias, e as condições de vida". E estas vontades variáveis são determinadas.

A liberdade volitiva não existe, mas sim a liberdade de proceder. E esta é suficiente para a vida humana.

E é esta a liberdade por que lutamos: O conceito científico de liberdade, é, pois, "a possibilidade de traduzir em atos as nossas volições".

E' um êrro dizer que a liberdade de um homem termina em contacto com a liberdade de outro homem. A verdade é justamente o contrário. Duas liberdades em contacto multiplicam-se, tornam-se mais eficientes, [illegible] xílio mútuo.

Do conceito científico de liberdade, deduz-se o conceito científico do crime: o cerceamento da liberdade do indivíduo. Qualquer atentado à liberdade de proceder do indivíduo é um crime. E a reatividade contra o crime é um direito natural. O animal, por pequenino que seja, reage quando sofre uma opressão. E' o instinto de conservação da vida.

A "liberdade de acôrdo com a lei" é uma mentira, é ludibriar o povo.

A escravidão intelectual, de qualquer natureza que seja, terá sempre por corolário a escravidão política e social. — MIGUEL BAKUNINE

* o *

Não há verdade que, no dia de sua publicação, não haja sido considerada um paradoxo. — PROUDHON

LIVROS EM REVISTA

"A NOVA CLASSE" * — A análise de Milovan Djilas, em seu discutido livro, edição da Editôra Agir, do Rio, do sistema bolchevista, é, antes de tudo, um ataque aos governantes stalinistas e post-stalinistas, aos quais acusa de impôr o despotismo mais absoluto conhecido através a história. Em sua obra, discute e condena, em termos certeiros, os efeitos dêsse monopólio sôbre a economia e a arte, sôbre os povos da Europa Oriental e todo o movimento comunista internacional.

Não apresenta novidades para os que tenham estudado o fenômeno bolchevista. Sòmente confirma ou repete os argumentos utilizados pelos oponentes à variante comunista do socialismo estatal. O movimento anarquista tem a mais antiga tradição nesse terreno. Pensadores e escritores, desde Proudhon até Maria L. Berneri, haviam advertido e denunciado — em época em que era menos evidente que em 1957 — sôbre a perspectiva dos Estados Socialistas, e mais recentemente sôbre a existência de sistemas totalitários dirigidos pelos que proclamam sua ascendência marxista.

A conversão de Djilas ao socialismo democrático vai acompanhada de declarações que indicam as limitações de sua crítica. Considera, por exemplo, que: "o Estado, por sua natureza, é um órgão de unificação e harmonia, dentro da sociedade e não sòmente uma pressão que a superpõem". Seu conhecimento de história o leva a escrever: "houve, em tempos idos, comunidades sem Estado e sem autoridade. Não eram realmente comunidades sociais, mas sim algo como uma transição entre as formas semi-animais e humanas da vida social... com o incremento da complexidade das formas de vida social, seria ingênuo demonstrar que o Estado desaparecerá no futuro".

Êsse tipo de apreciações, assim como algumas outras contradições e omissões, deve-se à sua formação marxista-leninista. Sua obra é apresentada por seus editores e pelos serviços de informação norte-americanos, como um trabalho que varrerá os fundamentos do bolchevismo e induzirá outros líderes e intelectuais da Europa Oriental a tomar o mesmo caminho. Essa classe de propaganda é característica da política oficial do Ocidente, que apela antes para os membros da classe governante comunista, que para as massas, a fim de produzir a modificação na balança do poder, transferindo o pêso para o outro prato. Do mesmo modo que os ataques comunistas contra Djilas estão destinados a isolá-lo de seus eventuais defensores nas filas bolchevistas.

* A NOVA CLASSE, de Milovan Djilas — Editôra Agir — Rio, 1958.

* o *

"PSICANÁLISE E RELIGIÃO" constitui a primeira obra do dr. Erich Fromm traduzida para o português. Fromm, que se celebrizou com o **Mêdo à Liberdade, Psicanálise da Sociedade Contemporânea**, pelos fundamentos essencialmente humanísticos e libertários com que estuda o homem e a sociedade à luz da análise profunda, oferece-ns uma investigação original das religiões, que são subdivididas em dois grupos: as religiões autoritárias (protestantismo, judaismo, catolicismo, etc.), cujo elemento essencial é a submissão a um poder transcendental, sendo a virtude principal a obediência; e as religiões humanistas (budismo, taiosmo, os ensinamentos de Sócrates, Spinoza, Isaias, Jesus, o racionalismo, como fenômeno religiiso da Revolução Francesa). Um dos melhores exemplos é o budismo (religião atéia) em seus primeiros tempos. Buda simboliza o grande professor que fala em nome da razão e não em nome de poderes sobrenaturais. Faz um apêlo a todos os seres humanos para que usem a própria razão e para que descubram a realidade, a qual foi o primeiro a prescrutar. Livro magnifico e original. Preço Cr$ 80,00.

O POVO

O povo és tu, sou eu: nós somos povo.
E bendigamos a perfeita graça
De pertencer à multidão, à massa,
Diante da qual me inclino e me comovo.

Dela é que há de surgir o mundo novo.
E partícula dessa populaça,
Sinto que a prepotência me espedaça,
Mas do posto em que estou não me demovo.

Esqueço a Torre de Marfim da lenda.
E, a clarinar, me envolvo na contenda,
Ressangrando às pedradas e aos apodos.

Nada de caridade ou de piedade,
Mas de união ou solidariedade,
Sendo todos por um, sendo um por todos.

MARTINS FONTES

Estante Libertária

Cooperativas sem lucro

(Uma experiência anarquista dentro da sociedade Estado Capitalista)

Pedro Ferreira da Silva, um velho militante anarco-sindicalista, jornalista e escritor, que em 1932 se estreara com um folheto de crítica sociológica do maior interêsse, "Colônias de Férias", e em 1945 nos dera o seu primeiro livro, "Eu Creio na Humanidade" (coletânea de crônicas leves na forma, porém de grande profundidade conceptual, verdadeiro hino às imensas possibilidades do ser humano para construir o Paraíso na Terra), consagrou-se definitivamente, em 1953, como crítico social e economista, com novo trabalho, "Três enganos sociais: férias, previdência e lucros".

Nêste último, escrito com grande brilho de linguagem e seguro conhecimento das questões versadas, o autor, desmascarando os intuitos demagógicos com que os governantes têm anunciado as soluções dos problemas das férias, previdência e participação nos lucros das emprêsas, mostrou-nos como estas, sob a férula esterilizante do Estado, ou seja da autoridade do homem sôbre seu semelhante, se convertem em novas fontes de desilusões e sofrimentos para os trabalhadores que se deixam embair pelos cantos das sereais políticas, que outra coisa não visam senão engodar as clientelas eleiçoeiras.

Como corolário à crítica impiedosa, que nos seus livros anteriores nos fizera, da atividade dos dois monstros e seu irmão gêmeo, o Capitalismo (quer o privado, dos chamados países capitalistas, quer o do esta soviético, falsamente rotulado de "comunismo"), Ferreira da Silva aponta agora, nêste seu novo livro, "Cooperativas sem lucro (Uma experiência anarquista dentro da sociedade estato-capitalista)", uma base e um método novos para a reconstrução do mundo. Tendo estudado o fracasso do Estado como administrador e como patrão (os serviços estatais são em tôda parte os mais deficientes) e reconhecido como, nos países de maior concentração da autoridade (a Rússia, Portugal e Ecpanha), se verificam o mais baixo nível de vida e a maior incapacidade de crítica e de iniciativa (embotadas estas duas últimas pelo dirigismo estatista, açambarcador e absorvente) o autor volta-se para o sistema cooperativo, reivindicando-o na sua pureza primitiva, isto é, liberdando-o da ganga do comercialismo e da submissão às normas burocráticas, autoritárias, oficialescas, com que o Estado e o Capitalismo têm pretendido esterilizar um movimento e um sistema de convivência de tão profundas raízes populares e libertárias.

Como os leitores poderão verificar, trata-se de um trabalho sério, honesto e profundo nos objetivos, complemento lógico dos esforços anteriormente realizados pelo autor no sentido de denunciar os mitos, sangrentos e ladravazes, da política e do Capitalismo.

Alguns leitores, não libertos da superstição da Autoridade, encarnada no Estado, no qual vêem o paizinho bondoso, providencial, topo-poderoso e tutelar, sem o qual nada existiria no mundo, sentir-se ão talvez chocados com os ubtítulo da obra: "Uma experiência **anarquista** dentro da sociedade estato-capitalista". Não será de surpreender que tal aconteça, tendo-se em conta a longa, persistente e insidiosa catequese autoritária, realizada, através de séculos, pelos sátrapas de todos os tempos, sistemas políticos e países, catequese que converteu o homem no que é atualmente: um pobre membro do imenso e panúrgico rebanho humano, sem iniciativa, sem auto-determinação, lastimável títere que os deuses de pés de barro da nossa época fazem mover a seu talante.

Por muitos anos, nos tempos (saudosos para os partidários do direito divino) da mnoarquia, as expressões "República" e "republicanos" foram empregadas como sinônimos de "utopia" (como concepção meramente ideal e irrealizável) e "utopista", senão mesmo de "desordem" e "desordeiro". Os tempos modificaram-se e os tronos ruíram, as cabeças dos reis rolaram nos cadafalsos, as corôas foram substituídas pelo barrete frígio, e em tôda a parte (excepto em Portugal e na Rússia, onde tudo continua, politicamente, como na Idade Média), os governos eleitos por Deus, substituídos pelos governos eleitos pelo povo. E a palavra "República" deixou de ser usada no sentido pejorativo, passando a sê-lo na acepção de regime tão legítimo ou mais do que a monarquia.

Pois o mesmo acontece com as expressões "Anarquia" e "anarquista", usadas por muitos pobres-diabos que por êsse mundo de Cristo pavoneiam a sua sabichonice, como sinônimos, igualmente, de "desordem" e "desordeiros", principalmente depois que alguns indivíduos (mais revoltados do que revolucionários), em nome da Anarquia, esventraram, a dinamite e a punhal (coisa que legal e diàriamente os "heróicos defensores da Ordem" fazem, tanto em tempo de guerra, como da paz), alguns pançudos burgueses e calvos reis.

Ora "Anarquia" deriva do radical, de origem grega, "arquia" (que significa "govêrno", "regulamentação") e do prefixo da mesma origem "an" (que significa "ausência". Portanto, "Anarquia", em vez de sinônimo de desordem, deve ser tomada na acepção de sociedade sem govêrno, isto é, aquela em que os homens regem as suas relações por normas de convivência baseadas no mútuo acôrdo e na livre cooperação, que dispensam a autoridade.

E' nesta acepção etimológica que Pedro Ferreira da Silva usa a expressão "Anarquia".

O livro está artìsticamente impresso e foi editado pela Editôra Germinal - Caixa Postal n.º 142 — Agência da Lapa - D. F.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

TRIBUNA DOS DEBATES

Pode ser-se ao mesmo tempo Anarquista e Maçon?

Por ROBERTO DAS NEVES

Iniciou-se no número 90 de "Ação Direta" esta interessante troca de opiniões a propósito da intervenção de anarquistas nas atividades maçônicas.

A seguir, no número 127, tivemos o pronunciamento do companheiro Jaime de Sousa Avila e no número 128 foi publicada a primeira parte de um trabalho do camarada Roberto das Neves, cuja opinião aparece neste número, com os itens restantes dos 10 nos quais condensou suas considerações.

Também neste número, é publicado um outro trabalho do companheiro P. Ferreira da Silva, sôbre o mesmo assunto, que aparece em outra página, por conveniência da paginação.

Publicaremos todos os trabalhos que nos sejam enviados sôbre este tema, respeitando as opiniões de seus autores.

E' necessário, porém, que esses trabalhos sejam sucintos, em virtude do tamanho diminuto de nosso jornal. Reiteramos igualmente que não se faça personalismo e que se discuta com mútuo respeito e elevação de linguagem.

II

7 — A Maçonaria não «sustenta preconceitos raciais». Se há lojas de negros e lojas de brancos, na África do Sul e na América do Norte, como recorda Ávila, isso se deve não a discriminações contidas em princípios macônicos, porém, a hábitos sociais, à falta de convivência entre negros e brancos, resultantes de preconceitos religiosos, que a Maconaria se esforça por anular. Há, de resto, muitos anos que em numerosas lojas, principalmente do Estado de Massachussets, brancos e negros trabalham em perfeita harmonia.

8 — Tampouco a Maçonaria cultiva «preconceitos aristocráticos». Os títulos nobiliárquicos, cheirando a bolor, a medievalismo e a igreja, como «Cavaleiro do Real Arco», «Príncipe de Jerusalém», «Soberano Pontífice», «Grande Cavaleiro Escocês de Sto. André» e outros, a que se refere Ávila, provêm das origens católicas do ramo escocês da Maconaria, a que atrás aludi, origens de que ela se emancipou (e só então os papas a excomungaram) e que foram conservadas até hoje, um pouco por [illegible] um pouco para dar aos iniciados das classes menos instruídas a idéia de que também êles possuíam personalidade, de que também êles eram gente numa época em que só eram considerados gentes os nobres e os eclesiásticos. Apesar disto, veria com a maior simpatia a abolição de tais títulos, cerimônias e outros vestígios de um passado tenebroso nada condizentes com as tradições e os princípios da Maçonaria. Tais títulos, porém, conveniente é frisar, não se encontram mais na Maçonaria moderna ou francesa.

9 — Estou igualmente de acôrdo com Ávila no que se refere ao culto da Bíblia na Maconaria. Exigir-se de um racionalista, para quem o livro sagrado dos cristãos e judeus não passa de manta-de-retalhos de lendas, fantasias infantilidades (cimentadas na noite da História) ou de crentes de religiões às quais a Bíblia é estranha, que tomem compromissos jurando sôbre ela, é um absurdo que não se harmoniza com os princípios de liberdade da instituição. Convém, porém, igualmente reconhecer que tal tradição sòmente se conserva na Maconaria chamada de rito escocês (não na moderna ou francesa) para agradar aos anglo-americanos.

10 — Terminando: Com tôdas as falhas que possamos apontar na Maçonaria e que são próprias de tôdas as instituições humanas, temos de reconhecer que ela tem prestado relevantes servicos à causa da liberdade de consciência e do progresso da humanidade. Se Ávila, em sua passagem por ela, recolheu amargas decepções, mais do que da instituição, dos homens que a enchem, eu não as recolhi menores. Reconheço como Ávila e já o escrevi no meu «O Diário do Dr. Satã», que a Maçonaria está, infelizmente, pelo menos no Brasil, repleta de malandros de vivedores da política e de reacionários, que nela entram para arranjarem pingües emprêgos, alargar a esfera dos seus negócios, obterem impunidades para seus delitos ou arranjarem votos para, eleitos deputados, se converterem nos mais execráveis demagogos, sem vergonha de aprovarem todas as propostas de dotações de verbas para a Santa Madre Igreja. Mas reconheço também que seria injustica atribuir a culpa disso aos princípios maçônicos e aos idealistas que, felizmente, existem também dentro dela, e não em menor número. Reconheço que a Maçonaria, sobretudo no Brasil, perdeu, por motivos diversos, muito do seu prestígio, estando hoje longe de corresponder às suas tradições. Desvios e traições houve-os, porém, igualmente no sindicalismo, como disse atrás, nêsse sindicalismo que, em vez de operar a revolução social, como anarquistas dêle esperavam, se converteu em serventuário do Estado totalitário, da demagogia fascista e neofascista. E, todavia, nenhum de nós se lebrou de repudiar o sindicalismo e de renegar um camarada que atue nos sindicatos. O mesmo com a Maçonaria. Nenhum anarquista é obrigado a entrar nela. Mas os que nela atuam como anarquistas devem merecer o nosso respeito. Indigno seria o anarquista que entrasse num sindicato ou numa loja maçônica para cuidar apenas dos seus interêsses particulares ou pactuar com os reacionários e os malandros que existem tanto na Maçonaria como no sindicalismo, atraiçoando os ideais de liberdade que nos são caros. Há lojas, em [illegible] de anarquistas, que as saturam da seiva das nossas idéias. Os anarquistas devem ir a tôda a parte (exceto, claro, ao parlamento e à igreja) pregar a sua doutrina. Ora, nenhum terreno mais propício à sementeira dos nosos princípios do que a Maçonaria. Concordo que devemos lutar por libertá-la dos reacionários e dos arrivistas que a exploram e atraiçoam, assim como de cerimônias e rituais obsoletos, facilitando, por outro lado, a admissão de operários às suas colunas, de modo a renová-la e a pô-la cada vez mais a serviço da humanidade nos nossos dias. O que, porém, não concebo é que um anarquista, esquecendo-se de que o anarquismo tem, em todo o mundo, nas épocas das mais sangrentas repressões às idéias novas, encontrado refúgio nas catacumbas da Maconaria, a combata sistemàticamente. Isto seria fazer o jogo do clericalismo, do jesuitismo, da reação, que na instituição dos Pedreiros-Livres encontrou sempre o maior obstáculo aos seus tenebrosos designios de domínio do mundo e que outra coisa não visa senão abater com ela as fôrças mais dinâmicas da liberdade e do progresso.

A um beato rico, mas avarento, fazia um padre um longo sermão interessado, contra o dinheiro e contra a avareza:

— O dinheiro é imundo, e o pecado, é a tentação, é Satanaz em metal, é estrume...

— Mas os padres aceitam-no sem nojo, osbervou o beato maliciosamente.

— Aceitamo-lo, porque, passando para as nossas mãos, o dinheiro santifica-se...

A política é uma arte — não de tornar o homem feliz, mas de depravá-lo para o oprimir. — MONTESQUIEU.

* o *

Tôda sociedade se funda na usurpação de alguns e na covardia dos demais. — J. J. ROUSSEAU

Teatro Social em S. Paulo

A atividade do Centro de Cultura Socal por meio de representações teatrais vem sendo desenvolvida pelo seu grupo dramático, cujo recital de Maio teve esta apreciação de J. Jorge:

A valiosa comédia de Eurico Silva, levada à cêna no Teatro Artur Azevedo, agradou deveras ao numeroso público que lotou suas dependências.

Com efeito, a notável peça caiu em cheio no agrado do público, vindo, mais uma vez, confirmar os méritos de seu laureado autor.

"Pense Alto" agradou pelo seu alto valor artístico e pelo seu fundo filosófico, condenando, de um só golpe, essa mesquinha sociedade na qual temos de viver.

Por outro lado, veiu nos revelar o nome de um jovem e dinâmico diretor, F. Cuberos Néto, que, usando de escassos recursos, conseguiu fazer de um grupo de amadores, alguns então primários,, verdadeiros porfissionais no palco, desempenhando cada qual o seu papel com naturalidade possível.

E' necessário sobressair aqui o trabalho excepcional de F Cuberos Néto, no desempenho de Asmodeu (símbolo da Verdade).

Dono de uma mobilidade extraordinária, movimentou, do início ao fim, a ação central da peça, mantendo, assim, a expectativa de platéia.

Mostrou, ainda, ser sempre preciso e consciencioso em sua interpretação, enquadrado perfeitamente no espírito da peça, tornando-se, dessa forma, a maior atração da noite.

Cida Ochandi deu-nos um egoista perfeito, conseguindo impressionar pela mudança total de sua real personalidade, exigida pelo papel. Exelente sua conduta no palco.

Americo Ruby desempenhou com honras o papel de "Rolando". Um jovem amador que promete.

Luiz Ochandi, "Resende", firme e conscitnte no seu difícil papel. Talento e recursos fazem dêle um bom amador.

Yara Maria esteve bem no seu [illegible] de bôa atriz.

Natalina Bissoto, dotada de uma serenidade impressionante, viveu com sinceridade a personagem "Violeta". Dispõe de classe e talento. Excelente no seu desempenho.

Vilmara Fontes, como "Clodomira", esteve sempre precisa e talentosa. Bôa presença em cena.

Durval S. Rosa desempenhou com honestidade seu papel — "Brito" — sendo, com Ari Fazzolari, "Autor", dois bons intérpretes.

Dirce Molina, "Nirba", foi a revelação da noite. Nas duas vêzes que entrou em cena, mostrou ser possuidora de um grande talento artístico. Merece oportunidade.

Rita Basto contribuiu de perto para o bom êxito do espetáculo.

Francisco Ortega, "Empresário", agradou com sua presença em cena. Bom ator.

A contra-regra, a cargo de Antônio Martins e Antônio Raya, esteve sempre ativa na hora precisa, não havendo falha a êsse respeito. Dois bons contra-regras.

Resumindo, tudo: tivemos uma boa noitada no Teatro Artur Azevedo. Estão todos de parabens. — **J. JORGE.**

* * *

Também promovido pelo Centro de Cultura Social, foi realizado um vesperal teatral no já citado Teatro Artur Azevedo, situado no bairro da Moóca, na capital paulista, sendo coroado de pleno exito, tanto pela assistência, como pela atuação dos amadores, que agradou plenamente.

Pelo Grupo Ibéria, foi representada a comédia em 3 atos "Morena Clara", sob a direção de Carlos Gomez, tendo Fabreags como apontador e como contra-ponto Jsé San Miguel. A distribuição dos papéis foi a seguinte: Trini, Paquita Castillo; Teresa, Mercedes Solé; Juanita Céspedes, Nieves Simon; Defenso, Margarita Sale; Enrique, Fermin Gaibar; Regalito, Pepe Ortega; D. Elias, Agustin Francia; Pepe Rosales, Francisco Ortega; Presidente, José San Miguel; Ujer, Abilio Garcia.

Esse espetáculo foi realizado em 27 de Julho, deixando boa impressão em todos que o assistiram.

Divulgue AÇÃO DIRETA

Através do Movimento Libertário

ARGENTINA — Foi inaugurada a sede própria da Federação Libertária Argentina (F.L.A.), na Capital Federal. Do ato comemorativo participaram oito oradores, entre os quais Rubens Barcos, pela Federação Anarquista Uruguaia; Gregorio Naso, pelo Grupo Editor de "La Protesta"; Jacob Prince, pela Federação Libertária Argentina etc. A sede foi obtida após intensa campanha financeira. Custou a importância de 390.000 pesos argentinos e fica situada em pleno centro de Buenos Aires.

ALEMANHA — O movimento anarquista alemão vem publicando um importante boletim intitulado **Information**, que conta com a excelente colaboração dos companheiros Rudolf Rocker, H. Drewes, Augustin Souchy. Dêste último foi publicada uma pequena nota biográfica do companheiro José Oiticica. Os companheiros de lingua alemão poderão dirigir-se a **H. Freitag — Hamburg 22, Beim alter Schutzenhof 19.**

BÉLGICA — Assinalamos o construtivo trabalho editorial que vem realizando o infatigável e diligente companheiro Hen Day, que recentemente publicou: **Dois Irmãos de Boa Vontade: Eliseu Reclus e Han Ryen** (ed. "Pensée et Action", Brurelas, Bélgica). Outro trabalho importante e que recomendamos é **La Non-Violence Comme Technique de Libération.**

BOLÍVIA — Publica-se na cidade de Tupiza **Cuadernilhos Inquietud**, coleção de escritos libertários selecionados de nossos clássicos. Entre outros citamos Páginas Escolhidas, de Rafael Barrett. Enderêço da editora: Casilla 20 - Tupiza - Bolivia.

COSTA RICA — "El Sol", importante periódico que se publica na cidade de Alajuela e que difunde de maneira eficaz o pensamento libertário na América Central. Em suas oito páginas encontram-se colaborações de Augustin Souchy, Samblancat, Belgis, Enio Cardoso etc., além de farto noticiário internacional.

CUBA — O Movimento Libertário Cubano continua nos esforços constantes de levar ao povo cubano as inquietudes acratas de superação pessoal e de melhorias de condições de vida. O jornal **Solidaridad Gastronomica** vem aparecendo com regularidade e difundindo o sindicalismo revolucionário em Havana.

ESTADOS UNIDOS — Completou 85 anos bem vividos, Rudolf Rocker, que atualmente se stiua como uma das figuras mais importantes do movimento libertário, quer por sua atuação no movimento operário, quer por sua produção literária, da qual destacamos o livro **Nacionalismo e Cultura.** Atualmente reside Rocker nas proximidades de New York.

"Views and Comments" — (P. O. Box 261 — New York 3, N. Y.) é a revista mensal publicada pela Liga Libertária, da qual se destaca a importante colaboração teórica de John Losb sôbre Marxismo e Liberdade. O "Centro Libertário" movimentado pelos anarquistas americanos está situado na Broadway, realizando conferências e mesas redondas semanais.

"Resistance" é outra revista que aparece regularmente em New York e tem o seguinte enderêço: Box 208, Cooper Station — N. Y. — USA.

FRANÇA — De Paris recebemos uma importante publicação: **Noir et Rokge** — (Cadernos de Estudos Anarquistas Revolucionários) que em seu número especial nos brinda com um estudo profundo, verdadeiramente medular, sôbre o problema do **Nacionalismo.** A extraordinária análise está contida em 121 páginas e parte da formação das nações (em estudo sociológico e antropológico verdadeiramente notáveis) e termina com a interrogação inquietante: **Nacionalismo ou Anarquismo?** estudado na parte final. Trabalho brilhante e digno de ser difundido.

A França está às portas de uma ditadura ultra-fascista, na qual a liberdade de imprensa é um grandioso mito; isto nos confirma a revista libertária "Defense de l'Homme", que apresenta suas páginas rasuradas pela mão da censura policial de De Gaule, por tratar do problema nevrálgico da Argélia.

HOLANDA — "De Vrije Socialist" é o semanário anarquista que aparece em Amsterdam e que agrupa os ácratas holandeses. E' necessário lembrar que o periódico foi fundado por F. Domela Nieuwenhuis em 1898.

ISRAEL — Informa o companheiro Hochhauser-Armony que recentemente foram editadas obras de Kropótkine, que vêm encontrando rápida difusão em todo o país.

ÍNDIA — "The Radical Humanist" (15 Bankim Chatteerjee Street — Calcutta 12) difunde naquele país belas páginas do pensamento livre. Do número do mês de abril destacamos entre outros os seguintes artigos: **A educação da mulher nos meios rurais, Os meios e os fins na educação, O problema da reconstrução educacional.**

ITÁLIA — O escritor Inacio Silone publica vários artigos na revista anarquista "Volontà" e afirma que se sente enormemente honrado com a possibilidade que lhe oferecem de colaborar na revista.

INGLATERRA — Possui o movimento anarquista inglês o semanário "Freedom" (27 Red Lion Street — London W. C. 1), uma editôra e livraria denominada, "Freedom Press" que recentemente se incendiou mas que já está recuperada pelo trabalho tenaz de nossos companheiros inglêses. Herert Read, considerado o maior critico de arte mundial, notável também como autor dos livros "Educação através da Arte" e "Filosofia do Anarquismo", é colaborador e figura destacada do movimento libertário

JAPÃO — No último número do órgão anarquista **"Kuro Hata" (Bandeira Negra)** o companheiro Ko Hondo apresenta um estudo realizado sôbre a revolução russa e suas influências no Japão. Apresenta um informe sôbre o congresso dos W. R. I. (Internacional de Resistência à Guerra e à Opressão) ilustrado com um clichê no qual vemos o nosso companheiro T. Yamata, secretário da Federação Anarquista Japonêsa, quando proferia importante discurso.

MÉXICO — "Tierra y Libertad" (Apartado postal 10596) é um dos melhores periódicos do movimento libertário, quer por seu conteúdo doutrinário quer por sua excelente paginação. Destacamos também os números especiais que aparecem duas vêzes por ano, em formato de revista, capa em tricomia. O órgão da Federação Anarquista Mexicana é "Regeneración" (Apartado 9090 — D. F.).

Comemeração da Revolução Espanhola

A data de 19 de Julho, que relembra a gloriosa luta libertária contra a aliança clerico-militar capitalista na Espanha, foi comemorada em São Paulo com notável animação.

Para êsse fim, reuniram-se os elementos antifranquistas, representados por entidades da colônia espanhola e do movimento libertário.

Ao vasto salão da União Democrática Espanhola afluiu numerosa assistência, que acompanhou com grande interêsse as exposições dos seis oradores, que examinaram os acontecimentos desenrolados durante a revolução do povo ibérico em seus várias aspectos.

Expondo o ponto de vista libertário, falaram os companheiros Lucca Gabriel, pelo Centro de Cultura Social, e Manuel Peres, do Rio, que foi à Paulicéia especialmente para êsse fim.

Onde comprar AÇÃO DIRETA

Encontra-se à venda, no centro, nas seguintes bancas do Rio:

Na E. F. C. B. (na rampa de saída).

Em frente à Light.

Na Rua Marechal Floriano, esquina de Conceição.

Av. Rio Branco, esquina de Sete de Setembro.

Galeria Cruzeiro, esquina de Bittencourt da Silva.

Av. Rio Branco, esquina de Bittencourt da Silva.

Av. Rio Branco, esquina de Visconde de Inhaúma.

Av. Rio Branco, esquina Av. Almirante Barroso.

Lapa (posto de bondes).

Uruguaiana, esquina de Alfândega.

Av. Almirante Barroso, esquina de 13 de Maio.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Relembrando um Crime Social

O CLAMOROSO PROCESSO COM O QUAL SE SACRIFICOU SACCO E VANZETTI MOSTROU COMO OS JUIZES DO REGIME CAPITALISTA DISTRIBUEM A JUSTIÇA

DRACEDA ARPUY

South Branitree presenciou, há 21 anos atrás, na madrugada de 22 para 23 de agôsto de 1927, a execução de um abominável crime de lesa-humanidade. O povo, os homens de consciencia livre viram ruir por terra todos os esfôrços empreendidos no sentido de libertar dois homens inocentes, acusados de um crime que não cometeram.

A organização estatal dos Estados Unidos da América do Norte consumava um ato pelo qual dava a entender ao mundo seu poderio tirânico. Sedento de sangue, o Estado procurava manchar, assim, os nomes honrados de dois lidadores da liberdade: — Nicola Sacco e Bartolomeu Vanzetti. Unidos numa trama criminosa para sacrificar duas preciosas vidas do anarquismo, o Estado e a burguesia internacional não hesitaram em condenar Sacco e Vanzetti, não porque êles fôssem os autores do assalto ao pagador da Bridgerater Shoes Company, mas porque êles eram anarquistas.

A oferta de 250.000 dolares como prêmio para a captura dos autores do assalto; as circunstâncias misteriosas em que êsse assalto foi cometido; a impotência das autoridades para a descoberta dos criminosos, tudo isso aliado ao fato de se achar o pais, como, aliás, todo mundo naquela ocasião, agitado por graves problemas sociais, levou os juizes a serviço do capitalismo a cometer a tremenda injustiça de condenar os dois camaradas apontados como autores do assalto cometido dois anos antes, isto é, em 24-12-1919.

Durante os anos sue durou o processo Sacco e Vanzetti, êstes dois arautos da liberdade viveram sob a ameaça permanente da cadeira elétrica, desde a tarde fatídica em que ocorreu a sua prisão, a 5 de maio de 1920.

Ricardo Orciani, prêso juntamente com os dois camaradas, ao sair, semanas depois, convencido da inocencia dos dois camaradas, começou a trabalhar em pról da libertação dos mesmos.

A circunstância de se achar em poder de Nicola Sacco uma pistola Colt por ocasião da sua detenção, e o fato de se haver tornado o caso uma questão de honra e de dinheiro para as autoridades envolvidas no processo, constituiram o pivô da condenação dos dois anarquistas. Para os condenar, não hesitaram em substituir o cano da pistola de forma a que as balas com que foi praticado o assalto se acondicionassem ao mesmo. Era preciso encontrar os criminosos e os dois anarquistas deviam ser eliminados.

Figura, assim, o processo Sacco e Vanzetti, entre os processos célebres e de maior repercussão mundial, apesar de serem os acusados obscuros operários. E' que êsse processo teve, desde a sua origem, o caráter de verdadeira luta de classes. Houve um outro processo que também convulsionou as consciencias de todo mundo, e que, por ironia da sorte, teve o berço na França dos enciclopedistas: o caso Dreyfus.

Esses dois processos, passados em paises diferentes, justamente nos dois paises que se diziam baluartes da justiça e da liberdade, têm caráter algo semelhante. Ambos partiram de uma injusta acusação, ambas se basearam num sentido profundamente social.

Para se ter uma idéia do que foi o processo Sacco e Vanzetti, é preciso ambientá-lo na atmosfera envenenada pelas paixões deixadas após a grande guerra de 1914. Ambiente saturado de ódios e de intrigas.

O procurador geral A. Mitchel Palmer, interessado na condenação de Sacco e Vanzetti, fornecia artigos aos jornais, pagos pelo Departamento de Justiça, com o propósito de excitar a opinião pública contra os radicais e estrangeiros.

Numa publicação de Luiz F. Post, intitulada "Delírio das Deportações", relata-se a história daquele período de terror e perseguições por que passou a América do Norte, tufão reacionário que imolou aos potentados do Estado e do capitalismo internacional milhares de vítimas inocentes e levou o sofrimento e a miséria a milhares de famílias proletárias.

Em todo o correr do processo Sacco e Vanzetti não foi apresentada uma única prova que autorizasse a condenação dêstes dois anarquistas. Todo êle foi baseado em suposições e adubado com as paixões criminosas de uma imprensa venal, paga para alimentar na opinião pública a idéia de que era necessário executar os dois operários apontados como sendo os autores do famoso assalto ao pagador da importante companhia.

Vejamos as circunstâncias em que êsse assalto se deu, para termos a idéia de que jamais poderiam ser anarquistas os protagonistas de tão grande façanha própria de gangsters. Na tarde de 15 de abril de 1920, na cidade de South Branitree, rua da Perola, bem de fronte à Fábrica de calçados Rice F. Hutchins, foram assassinados e despojados de 15.000 dólares Frederich A. Parmentar e Alexandre Lunardelli, respectivamente pagador e guarda da Slater Morril Shou Company. A tragédia se desenrolou com a rapidez de um raio. Foi um dêsses assaltos que tornaram funesta a região ocidental do Estado de Massachussets. Os assaltantes fugiram não deixando rasto do crime praticado.

Como se tratava de um caso em que se punha à prova a eficiência da polícia americana, um caso de honra para ela e para o Estado, era preciso encontrr e justiçar os criminosos. Impotentes para encontrá-los, puseram a cabeça dos assaltantes a prêmio com a gorda promessa de 250.000 dólares.

Reinava então um ambiente de inquietação e desordens sociais por causa das greves constantes surgidas em todo país, em virtude da crise que avassalou o mundo após a grande guerra. As garantias constitucionais eram ignoradas e os homens sucumbiam ao pêso da feroz reação desenvolvida pelo Estado. Foi neste período de agitações que foram presos Sacco e Vanzetti. Alguém, tendo em vista o prêmio, se lembrou de acusá-los como sendo os autores do assalto da rua da Perola. A sua detenção foi precedida pela prisão de outro anarquista, André Salcedo, que se suicidou em Nova York precipitando-se do 14.º andar do edifício Park Roro Bridg, onde estava ilegalmente detido havia várias semanas, juntamente com Roberto Eia.

E, assim, após um processo vergonhoso de intrigas e falsidades, não obstante os protestos das consciências livres de todo mundo, foram executados Sacco e Vanzetti, cuja inocência ficou depois provada, após a revisão do processo, mas quando já se havia cometido a infâmia de tamanha injustiça. O Estado capitalista, a sociedade capitalista, a burguesia internacional estava satisfeita!

Belezas da presente sociedade

Por ADELINO DE PINHO

Leiam o que revela êste telegrama de João Pessôa. A data, que me escapou no recorte, não importa. O fato é que tem importância, como atestado da desorganização da sociedade dominante:

> "Causaram sensação nesta capital os relatórios dos novos diretores da Escola Profissional João Pessôa e do Departamento de Educação. O primeiro declarou que apesar de ter a escola uma padaria, os menores não comiam pão há mais de um ano e carne há seis meses. O segundo, além de ter encontrado grupos escolares superlotados com excedências de até 18 professores, viu alunos sentados no chão, por falta de mobiliário, e os prédios tão abandonados que impossibilitavam o funcionamento das aulas."

Lê-se e estarrece-se. Lê-se e parece inacreditável. O estado caótico a que chegou a instrução do povo, o descalabro a que está reduzido o ensino público, o desprêzo, o desdém, a indiferença pela instrução popular, pelo progresso físico, moral e intelectual das gerações que vão surgindo no palco mundial e que nos substituirão no cenário da vida, despertam em nós sentimentos de indignação e de protesto, de revolta e de guerra contra todos os responsáveis por êste estado miserável de coisas.

Não há prédios próprios onde as aulas funcionem. Não há mobília onde os alunos se sentem e façam os seus deveres escolares, os seus exercícios, as suas lições; há, porém, escolas superlotadas de professôres, grupos com 18 professôres a mais do que necessitam. Isto significa gente encostada, gente que recebe sem trabalhar, professôres nomeados por serviços políticos que prestaram como agentes eleitorais ou como parentes e aderentes dos mandões estaduais ou federais que acham que os cofres públicos devem fornecer salário àqueles que não querem trabalhar, que acham que têm direito a serem pupilos da nação, mantidos com o dinheiro do povo. E as criancinhas desprotegidas, que não têm pai alcaide, que continuem mergulhadas na ignorância crassa, alheias às belezas que a leitura encerra, abandonadas às incertezas de uma sorte cruel e hostil, sem assistência e sem confôrto, crescendo em meios deletérios e tornando-se mais tarde elementos prejudiciais à família e à sociedade, indo encher os cárceres, os hospícios, os hospitais.

Não há dinheiro para instruir o povo, dizem os interessados em manter as multidões na cegueira da ignorância; porém, para propaganda eleitoral, dinheiro sobra. O que se gastou com as últimas eleições, com a propaganda rude, agressiva, intensa e excusa, dava para a construção e manutenção de milhares de escolas através do território nacional. Quantas centenas de milhares de cruzeiros se queimaram em tão caricatas campanhas? Esgotaram-se os estoques de papel que havia no país... E quem tirou proveito de todo êsse barulho e despezas incalculáveis? A meia dúzia de sujeitos que foram eleitos e que, depois, procuraram tirar o máximo proveito possível para se indenizarem do dinheiro dispendido em tão estúrdia propaganda. E assim vai o mundo. Gastam-se quantias verdadeiramente astronômicas com tôda qualidade de quinquilharias que possam dar emprêgo aos filhos de papais, às criaturas previlegiadas, a quem o trabalho manual não agrada nem sorri, porque só os escravos é que se contentam ou estão condenados a trabalhos rudes e intensos e a recompensas exíguas, insuficientes, mínimas.

São os privilegiados; mandam e desmandam, premiam e castigam, governam e desgovernam. Os outros trabalham no pesado, dão duro no batente, obedecem e bôca não te abras... se não serão considerados inimigos da ordem e dos poderes constituídos.

Pois bem; isto não pode ser! O panorama social que atí está a infelicitar-nos, a gozar e a defender os privilégios, não poderá manter-se de pé; está condenado, não corresponde às necessidades do povo que trabalha e que tudo produz, pouco consumindo.

E é preciso que caia, que se desmorone, que se esfarele, para que das suas ruínas surja a sociedade dos livres e dos iguais, onde todos trabalhem e consumam, sem previlégios, numa perfeita irmandade e onde as crianças encontrem todo o confôrto e todos os cuidados que merecem.

CAUSTICOS SOCIAIS

Um velho padre repreendia asperamente um ébrio incorrigivel, que voltava aos tombos para casa. E concluiu:

— O álcool é o teu pior inimigo.

— Por isso é que en gosto dêle, sr. vigário... Jesus Cristo ordena que amemos os nossos inimigos...

Espanha Libertária

As recentes greves confirmaram a orientação libertária dos trabalhadores espanhóis

Há alguns anos a revista "Life" publicou uma reportagem sôbre a Espanha. Com um agudo sentido das realidades e dos contrastes a revista publicava em páginas sucessivas ora aspectos da vida da classe privilegiada ora da classe pobre. Para bem definir o grau de miséria dá um aspecto da madrugada de Barcelona em que as crianças disputam os restos de comida em latas de lixo das casas ricas. Antes de ser uma reação política contra um sistema de opressão é contra a miséria que se revoltam em greve os operários de Barcelona e das províncias do norte da Espanha. Evidentemente que a par do protesto contra as más condições de vida está o protesto político. E ao lado dos operários em greve estão estudantes, também êstes como sempre representando a parte mais combativa das classes médias e exprimindo as grandes angústias nacionais.

* * *

A greve atingiu principalmente as grandes fábricas e as minas mais importantes. E' tipicamente uma greve dos trabalhadores industriais. E' interessante notar que tanto em Barcelona quanto no norte da Espanha, e tanto entre os operários como entre os estudantes, quem aparece de fato orientando clandestinamente a greve não são os comunistas mas a U. G. T. (tendência socialista) e a C. N. T. (tendência anarco-sindicalista). Nos boletins, que já começam a chegar ao Rio, há alguns do movimento socialista, de movimentos estudantis democráticos, de anarco-sindicalistas, mas não dos comunistas. Isto aliás não surpreende. O partido comunista foi sempre insignificante na Espanha, beneficiado durante o guerra do auxílio russo em armas para a república em virtude da impossibilidade do govêrno legal as comprar nas democracias pela famosa e criminosa "Não-Intervenção". Assim conseguiu, à sombra de uma situação excepcional, adquirir algumas massas e sobretudo, comandos e lugares na administração, mas [illegible] no continuava a ser uma minoria sem valor e com uma importância ocasional. Apesar de todos os erros do ocidente, e sobretudo dos Estados Unidos, concedendo a um general, antigo cúmplice de Hitler, foros de defensor do "mundo livre" e adubando-o com milhões de dólares para o manter no poder contra a vontade do povo espanhol; apesar de tôdas as faltas praticadas e de tôdas as decepções com que os aliados brindaram a fidelidade da Espanha liberal, oprimida na sua terra ou dispersa no exílio, à causa das democracias na última guerra, verifica-se que mesmo na classe operária os comunistas não conseguiram polarisar simpatias nem dominar as outras organizações clandestinas. Ao contrário são as antigas, a U. G. T. com as suas consignas socialistas, e a C. N. T. anarco-sindicalista, que dirigem as greves de Barcelona e das Astúrias. Não deixa de ser importante esta constatação que é também feita pelo "Le Monde", e pelo "Manchester Guardian".

Franco defensor da Espanha contra o comunismo é assim uma superfloidade uma vez que são os próprios operários que procuram outras bandeiras, ou seja, as bandeiras sob as quais sempre combateram pois as grandes lutas dos trabalhadores espanhóis fizeram-se sob a direção da U. G. T. e da C. N. T. e não do partido comunista, pequena seita que se encontrava mais facilmente nos cafés de Madrid do que nas fábricas de Catalunha.

* * *

Junto com esta luta pelo pão e contra o sistema teocrático-policial de Franco, surge novamente o problema das nacionalidades oprimidas. Na Catalunha além de todos os motivos da ressitência a Franco, há ainda o de não ter o sistema atual respeitado a autonomia concedida pela república, aspiração histórica que foi conseguida e negada após a derrota da democracia, sendo um dos seus maiores intérpretes, Companys, garrotado pelo atual govêrno.

Tudo isto vem inserir-se numa situação econômica terrivel apesar de Franco declarar (não sabemos a quem intenta convencer) que os anos piores tinham passado, acrescentando sem rir, nem ao menos sorrir ou pestanejar: "As realizações do nosso regime, o bem-estar positivo que demos a tôdas as classes, o melhoramento da economia nacional refletem-se em todos os lares com uma realidade tangivel da qual todos nós devemos estar satisfeitos". Esta declaração feita há dias e a que alguns jornais franceses chamaram de um otimismo delirante, é apenas a essência do espírito fascista, cinismo, demagogia, desprêso pelas condições de vida do povo, falsificação dos fatos com a segurança da impunidade garantida pelo poder ditatorial e pela censura.

* * *

Este trabalho foi publicado pelo "Diario de Noticias", do Rio de Janeiro, de autoria de seu comentarista de assuntos internacionais, geralmente acertado em suas informações e apreciações.

GRUPO DE AÇÃO LIBERTÁRIA

Efetivando um programa de coordenação do movimento libertário e difusão ideológica, foi realizado produtivo encontro entre companheiros e simpatizantes dos subúrbios de Belfort Roxo, São João de Meriti e os componentes do Grupo Ação Libertária.

Na agradável reunião falaram vários companheiros abordando temas teóricos e práticos da luta social.

Ficou criada pelos camaradas de São João de Meriti a Biblioteca Germinal e assentado um plano de divulgação de "Ação Direta" naquela localidade proletária.

Assentou-se novo encontro, para o qual será convidado maior número de simpatizantes.

"AÇÃO DIRETA"

Motivos de ordem técnica na tipografia onde é feita "Ação Direta", tornaram impossivel sua publicação em Agosto.

Em vista disso, a nota administrativa aparecerá no próximo número, com o registro das importâncias recebidas.

Voltamos a repetir a recomendação dirigida aos compnaheiros e simpatizantes da obra de nosso jornal para que não retardem o envio de suas cnotribuições, das quais depende seu regular aparecimento.

Insistimos também na necessidade de nos enviarem direções de pessoas a quem a leitura de "Ação Direta" possa interessar.

CURSO DE ARTE DE FALAR EM PÚBLICO

Prosseguindo em sua atividade de divulgação da cultura, em suas multiplas modalidades, o Centro de Cultura Social, de S. Paulo, está provendo, com a cooperação do Centro Democrático Espanhol, no salão desta agremiação, à àrua da Figueira, 257 (junto à Avenida Rangel Pestana), às quintas-feiras, às 20.30 horas, uma série de palestras sôbre a arte de falar em público, que está despertando bastante interêsse.

As aulas estão a cargo do professor Breno Di Grado, técnico da Divisão do Senac, e Supervisor da Universidade do Ar.

Êsse interessante curso teve inicio na ultima quinta-feira de Julho e terminará na de 2 de Outubro, com os seguintes temas: "Por que falamos", "Penso, logo existo", "Idéia e Liberdade", "A técnica das imagens", "O ritmo na linguagem", "Formas de estilo", "Tipos de linguagem", "Quem cala consente" e "O mundo da palavra".

Cada aula tem a duração de 50 minutos, com um mínimo de 40 para debates, ou exercícios orais entre os assistentes. Será fornecido aos inscritos um certificado de aproveitamento aos que frequentarem 70% das aulas, inteiramente gratis.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis